

CONTOS
E NOVELAS
TODA A FICÇÃO CURTA DE
**CAMILO
CASTELO
BRANCO**
VOLUME IV

ORGANIZAÇÃO · INTRODUÇÃO · NOTAS
HUGO PINTO SANTOS



Índice

<i>Introdução</i>	9
<i>Cronologia e Bibliografia Camilianas: 1876-1890</i>	15

CONTOS E NOVELAS COMPLETOS VOLUME IV

NOVELAS DO MINHO	25
Maria Moisés	29
Primeira parte	33
Segunda parte	63
O Degredado	95
A Viúva do Enforcado	133
Primeira parte	139
Segunda parte	173
Terceira parte	205
NARCÓTICOS	239
O Sr. Ministro	241
O VINHO DO PORTO	301

CAMILO CASTELO BRANCO

SERÕES DE SÃO MIGUEL DE CEIDE	341
Segundo Comendador	345
A Via-Sacra	367
Parte Primeira	367
Parte Segunda	383
DELITOS DA MOCIDADE	395
Sentimento	397
Uma Noite no Cemitério	399
Saudade	399
Nota	404
Algumas Flores para Um Triunfo	405
Um Dia depois de Valpaços	411

SEGUNDO COMENDADOR(*)

(HISTÓRIA SENTIMENTAL)

Vinha enfermo do fígado, hipocondríaco, mais obrigado pelos médicos e por desgostos do que por saudades da pátria. Não tinha família própria nem parentes na sua aldeia – uma povoação triste e montanhosa em Trás-os-Montes.

Quando saíra para o Brasil aos 23 anos, ia já cativo da Igreja por ordens sacras. Se lá amou, teve de estrangular as suas paixões para ser decente e honesto. Naquele país inflamatório, notaram-lhe a frialdade do coração, a casca impenetrável a beliscões de mulheres galantes – umas cariocas capazes de converterem um minhoto atarracado, com os pés acastelados de joanetes, num *gommeux*, um estoiradinho, com as flexuosidades e ligeirices de um fauno. Até fora do Brasil tenho visto indivíduos gordos e gibosos, influenciados pela gentil paixão do belo sexo, exercitarem, arrojadamente, movimentos rápidos, voláteis, funambulescos, como se o amor os adelgacasse até à natureza de silfos, crispados de cio quando enxergam ninfas de bosque... com *Restaurante* e salada de camarões.

Ainda assim não assevero que eles exibam a perfeita elegância de Buckingham. O certo é que, quando se trata de amor, as leis da morfologia humana sofrem muitas exceções. No sexo gentil dá-se a mesma falta de lógica. Senhoras muito gordas, esferóides, amam como se tivessem dentro, em corpo e alma, três Beatrizes e duas Lauras.

(*) Diz-se *segundo* porque o autor já explorou as virtudes de um *primeiro comendador* nas *Novelas do Minho*. À maneira que forem aparecendo, serão numericamente explorados, e é provável que apareçam muitos comendadores [*nota de Camilo*].

Os paradoxos estéticos pululam em tudo que diz respeito a regras plásticas orgânicas – bem me entendem; e também sabem quanto é poderosa a acção calorífica sobre os seres organizados. Aqui entra um pouco de transformismo lamarckista e darwinista. O amor quente, em temperatura alta, é evolutivo, grande modificador: pega da matéria organizada e muda-lhe a direcção, fazendo explodir novos organismos que virtualmente existiam nas leis organogénicas. A fisiologia experimental confirma isto. Consulte-se Claude de Bernard.



Palhares rejeitara propostas de casamento com meninas bem amoedadas. Esquivava-se com pretextos esquisitos, arguindo-se de impertinente, mau génio, temperamento infeliz e funesto para marido. Nunca revelou ter recebido ordens clericais que o impediam de amar honestamente, para o bom fim. Suspeitou-se, ainda assim, que uma ou outra mulher lhe chegara ao vivo do coração com as flechas dos olhos, como lá os há, feitos de melação, languidez e coriscos. Assim seria; mas, nesses conflitos, João Palhares inesperadamente mudava de terra, labutando sempre no seu negócio e redobrando na faina, enquanto o preocupavam alvoroços do seu pobre coração escravo do voto sacramental. «O trabalho há-de salvar-me», dizia ele, sem confidenciar-se a algum raro conhecido que se interessava na sua felicidade, escurecida por longas intercadências de tristeza que coincidiam sempre com excessos de trabalho – uma espécie de frenesi sem descanso. Encontravam-no então no interior, por mercados sertanejos, a enfeitar os seus géneros como um reles mascate, já quando a sua agenciada fortuna o devia dispensar desse baixo negócio. Portanto, na opinião das pessoas normais, bem organizadas, Palhares era um maníaco, honrado sim, mas com uma grande pancada na mola.

O nome da sua província e menos ainda o da sua aldeia ninguém o sabia. Desconfiavam alguns seus émulos no tráfico que o Palhares, indo para o Brasil já taludo, devia ter praticado algum delito na sua terra. Insinuavam que as intermitências de tristeza deviam ser remorsos.

Afinal, por causa da arrematação de um navio naufragado em que ele suplantara outro licitante, ganhou um inimigo que jurou desmascará-lo, indagando-lhe a naturalidade e o crime que o expatriara.

Averiguado e sabido o ano da sua chegada ao Rio, foi fácil descobrir o passaporte. Esse documento instruiu o processo a seguir. O passageiro dizia chamar-se João Palhares, filho de Manuel Palhares e Rosa Maria, proprietários, naturais de Tourencim⁽²⁾, comarca de Vila Real; idade vinte e três anos, profissão – estudante. Isto de *estudante* fez rir muito o velho corpo comercial, corpo acéfalo a que pertencia o averiguador. Predominavam então numa cerrada penumbra intelectual uns paquidermes metalizados, francas bestas que invectivavam contra os *Gabinetes de leitura*, onde se tomava à noite ciência e gasosas – uma relaxação dos bons costumes e dos ventres da colónia portuguesa.

Não tinham ainda florescido na classe mercantil as vingadoras inteligências emigradas que mais tarde enalteceram as pequenas fortunas com o precioso matiz dos labores do espírito. Depois é que luziram naquela treva Fernando Castiço, Eduardo de Lemos, Manuel de Melo, Ernesto Cibrão, Lino da Assunção, Sousa Fernandes e outros que chegaram, por um determinismo biológico, à hora precisa da luta vitoriosa. A civilização da segunda colónia beócia foi mais precalcionada, morosa e fatigante que a da primeira ingenuamente selvagem. Custou menos a fazer de um guarani um épico do que a introduzir ideias de ortografia nos escaninhos encefálicos dos argentários da Rua da Quitanda, sem vislumbres de sintaxe nem etimologia.



O informador, incumbido em Trás-os-Montes de averiguar o crime do Palhares, colhera as notícias em fonte limpa. O pároco de Tourencim contou o que sabia da tradição. — Que o Palhares estudara para padre; e quando já ia adiantado, com ordens menores, e créditos de bom estudante e católico, fora à terra a férias de Natal em tão má hora que se apaixonara por uma moça tecedeira, a ponto de querer largar o estudo para casar com ela; mas o pai pegara num estadulho e o levava adiante de si até Braga – modo de dizer. Alguns condiscípulos do minorista informaram o pároco de que o estudante em Braga nunca mais abrisse compêndio; caíra numa tristeza de urso nostálgico, e toda

⁽²⁾ Camilo grafá o topónimo transmontano como «Tourencim», variante de «Tourencinho» [nota do organizador].

a sua mania era deixar-se morrer; porém, chegado o tempo de tomar novas ordens, apresentara-se a recebê-las com santa conformidade, resolvido a ordenar-se e a acabar mártir nas missões da China. Mas, um belo dia, varreu-se-lhe de todo o projecto do martírio chinês, e rebentou dentro dele a puxar pelos seus direitos inauferíveis o manco de vinte e dois anos, com a razão alumiada *a giorno* por uns livros ímpios que começavam em 1836 a circular em Braga divulgados pelos empregados públicos vindos da emigração. Operou-se no estudante um reviramento completo como costuma ser o dos apóstatas quando os renegados entendem tanto a velha fé que rejeitam como a nova fé que adoptam.

Positivamente, participou João ao pai que não queria ser padre; mas, como precisava de ter modo de vida, iria procurá-lo no Brasil como caixeiro. Respondeu o lavrador que fosse para onde quisesse; vintém para a passagem que não lho dava.

Não sabia o informador como o rapaz se arranjava: iria engajado. O certo é que embarcara e por lá andava, havia coisa de 30 anos, portando-se com a família, enquanto a teve, de um modo superior a todo o elogio. Referia miudezas: – que o lavrador tivera outro filho e uma filha; que a casa em bens era a melhor da freguesia; mas que o velho Palhares, depois que viuvou, passante já dos 50, deu-lhe a loucura para amancebar-se com várias fêmeas, e andar com elas pelas romarias sem vergonha nem recato, espatifando o património dos filhos em pândegas. Que o filho Joaquim o pusera como demente e lhe tirara o governo da casa; mas que a sua cabeça não regulava melhor que a do pai, porque se embebedava todos os dias, grande puxador de pau, e raro havia feira de onde não saísse preso com a cabeça esmechada entre cabos-de-polícia. Que o velho, quando se viu abandonado das fêmeas, se deitara de mergulho a um poço. O insensato tivera aquele intervalo lúcido. À volta dele não havia ninguém que o amparasse. Lembrava-se com remorsos da defunta mulher, sua mártir, e do João, ausente no Brasil, a quem sequer não respondera quando o filho humilde lhe participava que lá estava moirejando a vida com honra e com fome. O outro, o Joaquim, reduzira-o com a interdição a um passadio de jornaleiro. A filha, uma rapariga beata, logo que pôde emancipar-se e cobrar umas 50 moedas da legítima materna, meteu-se egoistamente num Recolhimento de Braga. Os vizinhos troçavam o velho devasso,

e os homens sérios desprezavam-no. As tais fêmeas, bem vestidas e doiradas de cordões e arrecadas, mudaram de terra com medo que a justiça as despiasse como ladras, e esconderam o seu opróbrio nos alcouces da Babilónia de Chaves e da outra Babilónia de Amarante.

O desamparado velho, pois, não achou pessoa nem coisa que lhe oferecesse refrigério, se não um fresco poço em Janeiro. Atirou-se briosamente. Foi um lance de juízo que o absolve de dez anos de asneiras.

★

Por morte do pai, não podia – continuava o informador – apossar-se Joaquim da casa sem dar partilha ao João. Foi deprecada de habilitação para o Rio. João renunciou à parte que lhe coubesse no casal a favor de sua irmã; porém, no acto das partilhas, acudiram com embargos os credores do defunto que absorveram tudo. Os bens praceados não cobriram as dívidas.

Na noite imediata ao dia da arrematação, a vasta casaria agrícola de Tourencim resfolegava lavaredas por todas as janelas: ficaram em pé, apenas, as paredes-mestras. Toda a gente concordemente⁽³⁾ depunha que fora Joaquim o incendiário; mas não se lhe provou o crime. Daí a meses, o suposto incendiário recebia do irmão brasileiro uma farta mesada, 60 pintos pagos no primeiro dia de cada mês. Podia viver regaladamente. Não havia por aquelas serras lavrador que apurasse limpos e secos 2 cruzados-novos por dia.

Quando foi da aclamação do Senhor D. Miguel I em Montalegre, por 1846, o Joaquim Palhares apresentou-se ao Mac Donell, montado na sua garrana, de botas de água, com grandes barbas, intrépido roncador com muita farófia. O caudilho miguelista despachou-o alferes de cavalaria de Chaves, e com essa patente foi arcabuzado em Braga pela divisão do barão de Casal.

A irmã ainda viveu bastantes anos no Recolhimento da Tamanca, recebendo também mesada remetida pelo João; e, quando faleceu no melhor cheiro de predestinada, acharam-se-lhe santos e santas

⁽³⁾ Advérbio usado por Camilo em mais de um passo. A título de exemplo, veja-se, em *O Cego de Landim*, inserto no Volume III: «Concordemente se disse que o cego estava pobre pela terceira vez.» [nota do organizador].

que valiam 150 moedas a olhos fechados. O seu quarto era uma corte celestial de madeira. Parecia um *Fios Sanctorum* ilustrado a pau. Os artífices santeiros de Braga não cessavam de levar ao convento da Tamanca virgens, mártires e confessores, tudo de amieiro e buxo, do tamanho natural, com umas carnaduras sangrentas e olhos piedosos de vidro esbugalhados em êxtases; mas tudo tão caro que, a não haver inconveniência, ousarei dizer que a comedela foi a maior fraude que se tem feito com santos em Braga.

★

Estas informações chegaram ao Rio, quando o comendador João Palhares, atormentado pelas intrigas e mofinas dos invejosos da comenda de Cristo – recompensa de donativos para não sei qual das mendicâncias portuguesas – resolvera repatriar-se cansado e doente. Embatucara a calúnia. Divulgou-se, porém, que ele tinha ordens sacras. Estava assim explicado o celibato e o jesuitismo sob capa de melancolia sorna. Em vista das informações fidedignas não podiam os patrícios esmordaçá-lo e desdourá-lo de outra maneira: tratavam-no de *jesuíta* pela parte rudimentar que tinha de padre.

Não se lhe descobriram fraudes aduaneiras, nem mercancia de moeda falsa, nem veniagas de escravatura. Os seus haveres, por isso que eram poucos, justificavam a honradez com que os amealhara em 30 anos de canseira. Como, pois, não podiam denegri-lo como negreiro ou passador de moeda falsa, chamavam-lhe *jesuíta*.

E assim se formou a opinião pública a respeito do Palhares. «A opinião pública – disse Pascal razoavelmente – é uma esfinge com cabeça de burro.»

★

Perto de Tourencim, à beira da estrada real, havia em 1869 uma taverna onde pernoitavam almocreves. Albergara-se ali um hóspede a título de experimentar os ares da serra, pagando generosamente alguns confortos que o taverneiro lhe proporcionou. Era o comendador – já adivinharam.

O locandeiro não lhe conhecia a naturalidade, nem o apelido, nem a jerarquia na Ordem de Cristo. Chamava-lhe o *Sr. João*, e contava que o seu hóspede era homem de poucas palavras, muito tristonho e doente do interior.

Havia 33 anos que João Palhares emigrara. Visitava agora muito de espaço os quinchosos da sua aldeia. Não conhecia alguém; ninguém o conhecia a ele. Os rapazes da sua criação eram velhos, sem vestígios do que tinham sido. Os velhos do seu tempo tinham acabado. Viam os aldeãos aquele forasteiro bem-trajado, sentado nos penedos, encostado aos socalcos, com o queixo apoiado no castão da bengala. Cortejavam-no: — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Os rapazitos esfarrapados e tismados pelo sol pediam-lhe 5 réis pelas alminhas, e ele perguntava-lhes os nomes dos pais e dos avós, dava-lhes dinheiro, e afastava-se dos grupos das mães que o contemplavam com o respeito devido à generosidade das suas esmolas às crianças. Achavam-no às vexes parado em frente do terraço onde estivera a casa de Manuel Palhares. O taverneiro contara-lhe que a vira arder em menos de duas horas. O credor que a tinha arrematado murara um campo com a pedra, e no chão do edifício queimado gradara uma eira onde malhava e secava os cereais. Da antiga casa dos Palhares apenas subsistia uma casota onde o fogo não chegara, e que andava agora arrendada a um pobre. Que caíra forte praga nas terras do Palhares, dizia. Os lavradores que as arremataram ao desbarato pegaram a desandar, tudo lhes correu mal, e por mais em conta que os filhos queiram vender as terras não há quem as compre. É o castigo de Deus, afirmava. Os usurários tinham emprestado ao velho doido pelas fêmeas o dinheiro a juro de 10 ao mês, e depois aconchavaram-se para arrematar os campos por metade do valor. A casa em que mora a Brites tecedeira...

— Quem?! — interrompeu o comendador com mal disfarçado alvoroço.

— A Brites, uma velhota que mora há mais de 20 anos na casota que não ardeu. Pois ninguém a quis comprar, e ainda está a render para as custas à justiça. Essa casa, contava meu avô, Deus lhe fale na alma, que fora feita por um padre Palhares a quem o povo chamava o *herege*, e que tinha pacto com o Diabo, porque não confessava nem dizia missa. Pelos modos o padre tinha fechada na tal casa uma fêmea que trouxera de Braga e 10 dias depois que ele morreu é que se

soube, porque a mulher foi-se à sua vida. Pois o povo dizia que ela não era mulher natural; mas sim o Demónio em figura dela, e que desaparecera quando desceu às profundas do Inferno com a alma do padre.

O taverneiro, melhor orientado, concluía que o povo era parvo, e pendia a crer que a amásia do herege fosse mulher legítima em todos os sentidos. O que muito o espantava era a coragem da Brites tecedeira que lá estava sozinha na casota há vinte anos sem ter medo ao padre nem ao Diabo.

★

Uma tarde a Brites tecedeira sentara-se em um toro de castanho à porta do casebre, aquecendo-se à réstia do sol e friccionando as magras mãos enregeladas de frio e escoriadas de frieiras. Um gato amarelo, manchado de queimadelas do lar, com a cauda em gancho, exercitava as unhas deliciosamente na casca rugosa do cepo. Uma galinha muito doméstica, numa atitude ameaçadora e pérfida ao pé do gato, parecia espreitar o ensejo de o picar.

Era térrea, sem soalho, e muito húmida a casa do tear; a lareira ainda apagada. A tarde era de princípio de Novembro; do lado da serra do Mezio sopravam lufadas cortantes, e ao poente a neblina, emplumando os espigões da montanha, prometia grande nevada.

Tinham contado à Brites que na tasca do Grilo estava um homem de fora que andava às vezes pela aldeia dando esmolas de tostão e mais às crianças; e, como lhe dissessem que esse bom homem era doentinho, a Brites todas as noites rogava à Senhora dos Remédios que lhe desse saúde e longa vida. Ela nunca o vira, porque raras vezes despegava do tear, senão para cozinhar o seu caldo-verde duas vezes no dia; além disso, tão cansada tinha a vista que bem podia ele passar em frente da sua porta sem ela lhe distinguir o vulto de qualquer outro.

Nessa tarde viu a tecedeira encaminhar-se para o seu lado a passo vagaroso uma figura desconhecida. Pôs a mão aberta sobre os olhos para os defender da luz fortemente deslumbrante do sol, e levantou-se muito cortês quando o comendador se aproximava.

— Sente-se que eu não venho incomodá-la — balbuciou muito comovido o Palhares.

Aquela velhinha era a esvelta⁽⁴⁾ tecedeira que ele havia amado 32 anos antes. Tinha os cabelos de uma alvura de estriga cortados rentes com as arcadas ciliares. Os missionários inculcavam às mulheres as virtudes de semelhante tosquia. Os olhos apagavam-se retraídos nas órbitas escarnadas. A pele do rosto, sulcada de rugas, arrepanhada nas proeminências ósseas, vestia de películas amarelas as cordoveias da garganta, de onde pendia um rosário de grandes contas de pau tingido com um Cristo de cobre zebrado de laivos de verdete.

Ela tinha sido alta, direita, elegante, de grande seio e quadris desempenados. Não podia agora aprumar-se pelo hábito da curvatura no tear; as espáduas cavernosas alteavam-se num inturgimento⁽⁵⁾ de frio; e o peito reentrante, côncavo, premia-lhe as costas derreando-a. Trajava serguilha roxa em forma de hábito de defunta. Era aquela a formosa Brites que o minorista amara.

O comendador repetiu-lhe que se sentasse, que ele também se sentaria no mesmo toro nodoso de castanho. Ela teimou em ir lá dentro buscar uma cadeira de sola muito ruça, golpeada de gretas, com a pregaria denegrada de ferrugem. João Palhares, a reparar muito na cadeira, sentou-se, e disse que era de bom tempo aquela cadeira.

— Há 25 anos que a tenho, meu senhor. Comprou-a minha mãe, Deus lhe perdoe, quando se venderam os trastes de uma casa antiga, a dos Palhares, que era ali onde está aquela eira. Minha mãe comprou seis; mas eu tive necessidade de vender as outras a um homem da vila que por aí andou a comprar destas coisas antigas.

— Vendeu-as por precisão... para comer?

— Não, meu senhor, foi para mandar dizer doze missas de seis vinténs por alma de minha mãe; com mais oitenta e oito que já tinha mandado dizer, eram um cento certo. Quando ela deu a alma a Nosso Senhor tínhamos 20 moedas de ouro. Teve um officio de 40 padres a doze vinténs a vela, e trinta missas no dia. As lavradeiras mais ricas não se gabam de melhor enterro.

— E depois... veio a miséria...

⁽⁴⁾ Camilo grava o adjectivo com «v». Curiosamente, o mesmo viria a fazer outro Camilo, Pessanha: «Esvelta surge! Vem das águas, nua» [*nota do organizador*].

⁽⁵⁾ Camilo grafa «intrugimento», provavelmente por lapsos, ou por interferência prosódica de cor local [*nota do organizador*].